

EDUCAÇÃO CORPORAL, ESCOTISMO E MILITARISMO (1908-1941)

BODY EDUCATION, SCOUTING AND MILITARISM (1908-1941)

EDUCACIÓN CORPORAL, MOVIMIENTO SCOUT Y MILITARISMO (1908-1941)

Carlos Herold Junior *, **Alexandre Fernandez Vaz****

Palavras chave:
Militares.
Corpo.
História.

Resumo: São analisadas as influências militares no escotismo no período de 1908 a 1941, tendo como base a educação corporal proposta pelo movimento. Além de revisão bibliográfica mapeando estudiosos contemporâneos da história do escotismo, utilizam-se como base empírica livros, teses, artigos de periódicos especializados e de jornais publicados no período. Verificou-se que a ênfase na educação corporal por parte do escotismo se sustentou em um processo de aceitação e recusa da tradição militar em voga no início do século XX, impossibilitando tanto a mera vinculação como o mero afastamento do escotismo em relação ao exército.

Keywords:
Military personnel.
Body.
History.

Abstract: This work analyzes military influences on Scouting in 1908-1941 based on the body education proposed by the movement. The empirical basis used include literature review mapping contemporary scholars of the history of Scouting, as well as books, theses, specialized journal articles and papers published in the period. Scouting's emphasis on body education was sustained on a process of acceptance and refusal of military tradition in vogue in the early twentieth century, which prevented Scouting from connecting or drawing away from the army.

Palabras clave:
Militares.
Cuerpo.
Historia.

Resumen: Son analizadas las influencias militares en el Movimiento Scout durante el período de 1908 a 1941, teniendo como base la educación del cuerpo propuesta por el Movimiento Scout. Además, se hace revisión bibliográfica de estudiosos contemporâneos de la historia del Movimiento Scout. Para ello, son utilizadas como fuentes empíricas libros, tesis, artículos en revistas especializadas y en periódicos publicados en el período. Se encontró que el énfasis en la educación corporal por parte del Movimiento Scout se sustentó en un proceso de aceptación y rechazo de la tradición militar en voga a principios del siglo XX, imposibilitando tanto el mero vínculo como la simple independencia del Movimiento Scout en relación con el ejército.

*Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, PR, Brasil.
E-mail: carlosherold@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: alexfvaz@uol.com.br

Recebido em: 10-02-2015

Aprovado em: 14-06-2015



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Movimentos juvenis que enfatizavam o valor formativo das práticas corporais são fenômenos que marcaram o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX (SOUZA, 2009, ANTIPOFF, 1935, BOURZAC, 2004). Dentre eles, o escotismo destacou-se pela rapidez com que se espalhou pelo mundo, multiplicando o ímpeto que experimentou na Inglaterra e nos países por ela colonizados (PARSONS, 2004). No Brasil, o movimento chegou dois anos após sua emergência e já em 1920 tornou-se um recurso pedagógico em escolas de vários estados brasileiros (GABRIEL, 2003).

Essa importância não passou despercebida aos estudiosos da História da Educação. Os trabalhos de Gabriel (2003), Herold Junior (2011), Nascimento (2004), Nascimento (2008), Souza (2000 e 2009), Thomé (2006 e 2010¹), Zuquim e Cytrynowicz (2002) formam um conjunto representativo da produção acadêmica a respeito da história do movimento escoteiro no Brasil.

Este estudo soma-se aos trabalhos acima citados e objetiva analisar a relação da educação corporal escoteira com o militarismo no início do século XX. Parece ser que o escotismo surgiu e se expandiu por meio de um complexo movimento entre aceitação e recusa dos valores militaristas e da presença que eles teriam na formação de crianças e jovens por meio de práticas corporais. A mera opção entre aceitar ou refutar os valores da caserna no que tange ao corpo e à sua educação não se mostrava suficiente para os que defendiam o potencial educativo das atividades escoteiras no início do século.

Consideramos neste trabalho o período que vai da publicação de *Scouting for Boys* (1908) – obra seminal do escotismo escrita por Baden-Powell – até a morte do fundador do movimento, em 1941. Livros, teses, artigos de periódicos especializados e de jornais sustentam, empiricamente, as reflexões.

2 INTERPRETAÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO ESCOTEIRO E O EXÉRCITO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

As relações entre escotismo e militarismo mostram-se nas interpretações da história do movimento. No Brasil, Souza (2000) denomina de “militarização da infância” os esforços educacionais influenciados pelo clima belicista que inflamava as décadas de 1910, 20 e 30. Souza (2000) sublinha o escotismo como “mais uma expressão do militarismo e do nacionalismo na educação brasileira” (SOUZA, 2000, p. 105). Militarizando a infância, o escotismo atenderia a muitas das demandas educativas do período (SOUZA, 2000, p. 116).

Nascimento (2004) também identifica aproximações entre escotismo e valores militares. Buscava-se treinar a juventude para ser “mais viril, mais apta a suportar a vida militar, mais preparada para enfrentar um longo conflito sem perder a coragem” (NASCIMENTO, 2004, p. 46). Dirigindo sua atenção ao Paraná, Witoslawski (2009) nota uma forte presença de “práticas militarizantes”, entre as quais figurava o escotismo. Nelas estaria depositada a esperança de formar cidadãos “supostamente capazes de proteger o país em caso de necessidade” (WITOSLAWSKI, 2009, p. 153).

Essa aproximação do escotismo aos esforços educacionais patrióticos e militares do início do século também é criticada. Nascimento (2008) rechaça a maneira como o escotismo é analisado historicamente: “identificado como movimento militarista nacionalista na educação

1 THOMÉ, N. *Escotismo: caminho para novas emoções: apreciações sobre o Movimento Escoteiro enquanto prática educativa*. Caçador-SC: Edição do autor, 2010.

brasileira” (NASCIMENTO, 2008, p. 7). Ele destaca a resistência de Baden-Powell à uniformização dos movimentos corporais típicos do exército (NASCIMENTO, 2008, p. 11).

Thomé (2010), listando “influências nefastas” ao escotismo, afirma: “Já vimos, historicamente, que tentativas de mudanças e/ou adaptações do método não têm dado certo” (THOMÉ, 2010, p. 125). Para Thomé (2010) haveria um núcleo pedagógico concebido por Baden-Powell e que fora deturpado. Ele ressalta o nazifascismo em sua face militarista como postura não condizente com o escotismo, tal como ele acredita proposto em suas origens.

O mesmo debate pode ser visto em analistas do escotismo de outros países. Scharagrodsky (2011), focalizando a atuação de Enrique Romero Brest (1873-1958), observa que, para o educador argentino, o escotismo foi assumido com o mesmo crivo com que foram vistos os batalhões escolares e a ginástica militar: práticas prejudiciais às necessidades de modernização educacional da Argentina de então.

Com foco na realidade europeia, Springhall (1971, p. 128) nota que nas primeiras décadas do século XX havia posicionamentos favoráveis a proposições que buscassem “fortalecer as defesas imperiais”, com corolários belicistas. Porém, a partir de 1920, Baden-Powell teria lidado com “*waves of virulent pacifism and anti-militarism*”. Entretanto, Springhall (1971, p. 148) utiliza-se dos seguintes argumentos para afirmar a dependência militar do movimento escoteiro: organização burocrática do movimento, pleno de características militares; a existência no interior do escotismo de um registro educacional e outro registro marcadamente político, sendo este avaliado como mais visível e atinado ao clima conflituoso das duas primeiras décadas do século XX.

Deixando claro que a opção entre ser, ou não, um movimento militarizante não era condizente às ambições do escotismo, Warren (1987), por sua vez, evidencia que, durante seu surgimento e sua expansão, o movimento escoteiro lidou com um amplo leque de aspirações educacionais. Por essa razão, ele teve de ser “*responsive to that spectrum of values if it was to survive and grow*” (WARREN, 1987, p. 948), considerando a disparidade de posições que buscavam pensar a realidade britânica e europeia no início do século XX.

Springhall (1987) critica em Warren (1987) o que seria uma equivocada defesa do escotismo reduzido a um “*individual character training for practical good citizenship*” e não um “*training for future soldier*” (WARREN 1987, p. 934). Já Summers (1987, p. 943) nota que a ansiedade sobre a vulnerabilidade do império britânico era um sentimento presente em diferentes extratos da população. Matizando as consequências que essa circunstância gerou no desenvolvimento do escotismo, ela afirma:

Military metaphors and models, did not, indeed, wholly overwhelm secular liberal discourses of individual rights; but they certainly came close to usurping the terrain occupied by earlier religious discourses of duty, responsibility and community. The scout movement, as conceived in Baden-Powell's writings and as realized by its members, could not escape this pervasive influence (SUMMERS, 1987, p. 943).

Crotty (2009) vai ao encontro dessa posição observando que a educação era uma problemática tornada ainda mais urgente pelos conflitos internacionais que aconteceram ou que estavam se desenhando no período. No que tange ao escotismo e às apropriações que dele foram feitas, Crotty (2009) afirma que: “[...] it seems clear that while some boys and parents were attracted to Scouting because of its militarist messages, others saw the movement as being primarily about the development of ‘manly independence’ and a love of the healthy outdoors” (CROTTY, 2009, p. 79).

3 A GUERRA, O EXÉRCITO E OS VALORES MILITARES EM QUESTÃO: O CONTEXTO DE SURGIMENTO DO ESCOTISMO

No mundo que se descortinava na virada ao século XX, o papel da guerra e dos exércitos tornou-se uma questão importante. Para Audoin-Rouzeau (2013): “[...] o século XX, se foi o século da guerra, foi, também, no Ocidente, o da desvalorização do fato guerreiro” (p.241). Afinal, “Impotentes diante da intensidade do tiro” (p.240), o “corpo do soldado se confunde com uma carne exposta no balcão do açougue” (p.241). Essa questão prática relacionada ao aprimoramento do equipamento bélico sublinhou uma “distância entre seu próprio *ethos* e os valores do mundo civil em tempos de paz” (p.240).

Por esse motivo, apesar do diagnóstico de um “cultivo do ódio” (GAY, 1995), observam-se nessa época posicionamentos em que “Homens presunçosos, de uniformes vistosos, a cuspir uma retórica belicosa se tornaram os alvos preferidos” (GAY, 1995, p. 117).

Na realidade brasileira, Izecksohn (2013) mostra que, mesmo havendo um renovado interesse pela instituição militar nas primeiras décadas do século XX, o exército se adequou às exigências da época por meio de uma “reconsideração” de seu “serviço na sociedade” (p.294). Percebia-se o foco social existente nos “efeitos perversos da militarização” (p.297), que ganhavam visibilidade no contexto internacional instável da Primeira Grande Guerra. Isso levou o exército a ser associado “aos emergentes padrões de masculinidade, às noções de higiene e à valorização dos exercícios físicos, vistos como antídotos contra vícios e doenças” (p.297).

Sant’Anna (2013) constata que, como resultado dos desdobramentos da Primeira Grande Guerra, o “espírito heroico” (p.258) havia “perdido sua antiga dramaticidade e seus dias de glória” (p.258), levando à “necessidade de unir a masculinidade à coragem” (p.258). Essa união não seria mais concretizada na figura do soldado, mas na “imagem de homens habituados à rudeza das matas” (p.252). Nesse sentido, a aceleração da urbanização levou à percepção de que os cidadãos eram “destituídos de coragem, como se suas vidas fossem sempre seguras e previsíveis” (p.252). A partir desse prisma, a natureza configurou-se como o principal lócus de procura do perfil humano necessário àquele contexto, em detrimento da usual busca por esse homem voltada aos campos de batalha.

Por outro lado, Melo (2013) mostra que no Brasil a Guerra do Paraguai teve um papel importante em muitos aspectos educacionais. Os conflitos destacaram “fragilidades nacionais”, concernentes à “preparação do cidadão para servir à pátria quando necessário” (MELO, 2013, p. 120). Por isso, metáforas militares foram recorrentes nas décadas que se sucederam ao conflito. Um exemplo da maneira como a sociedade era pensada com parâmetros e modelos militares no que tange à educação corporal pode ser encontrado no diagnóstico da situação social, feito por Fernando de Azevedo (1894-1974) ao discutir a “poesia do corpo”:

Não nos illudamos. A lueta persiste ainda, não sob o ponto de vista internacional, não a lueta pelas armas, mas a incruenta lueta interindividual, a lueta dos espíritos e das competências, sem treguas nem quartel e que é hoje a fôrma por excelência da acção; e o cérebro precisa mais do músculo do que o próprio braço incumbido de um grande esforço (AZEVEDO, 1915, p. 34).

Definir o lugar da guerra e do exército na sociedade era importante também em termos filosóficos. Nesse ínterim, gozando de notoriedade intelectual no início do século XX,

William James (1842-1910) publicou *The moral equivalent of War* [1906]. James colocava-se contrariamente às guerras, afirmando que “[...] I look forward to a future when acts of war shall be formally outlawed as between civilized peoples” (JAMES, [1906], p. 16). Embora “Innumerable writers are showing up the bestial side of military service” (JAMES, [1906], p. 6), ele não desconsiderava que “Militarism is the great preserver of our ideals of hardihood, and human life with no use for hardihood would be contemptible” (JAMES, [1906], p. 9). Ele buscava uma “moral equivalente à guerra”, que fizesse o “tipo marcial” ser formado sem a necessidade dela:

[...] the conceptions of order and discipline, the tradition of service and devotion, of physical fitness, unstinted exertion, and universal responsibility, which universal military duty is now teaching European nations, will remain a permanent acquisition when the last ammunition has been used in the fireworks that celebrate the final peace (JAMES, [1906], p. 23).

Ponderações como essas levam-nos a pensar nas razões que fizeram essa devoção à dureza moral e física impactar não apenas elucubrações filosóficas, mas perspectivas diretamente educacionais. Isso instilou em Pierre Bovet (1878-1965) a sua admiração pelo escotismo. Além de ter traduzido *Scouting for Boys* para a língua francesa e ter redigido um livro elogioso à Baden-Powell (BOVET, 1921), em 1917 ele publicou *L'instinct combatif* (2007), analisando a psicologia infantil e juvenil. Vendo nos jogos e nas disputas das crianças uma manifestação da natureza humana instintivamente combatente, afirmou:

El combate es útil a la especie, al designer, a los ojos de todos, a los más aptos para perpetuar la raza, y permitirles hacerlo así. Combatir implica la aceptación de sufrir y de hacer sufrir; el goce del combate se halla íntimamente ligado al placer del riesgo: a aquel que se arroja en la refriega no pueden aparecérselo como males absolutos ni su dolor ni el ajeno; por el contrario, el gusto por los golpes dados y recibidos forma parte integrante del instinto luchador (BOVET, 2007, p. 132).

Essa “aceptación de sufrir y de hacer sufrir” incrementou pressões no sentido de dar à busca por uma “vida mais natural” um forte teor moralizante (BAUBÉROT, 2004), levando a “ênfases sobre uma educação para a dureza, com frequência de cunho militar” (OLIVEIRA, 2012, p. 93). Crotty (2009), ao abordar as consequências educacionais desse contexto, pondera que discursos e práticas visando a essa moralizante aproximação à natureza dificilmente descolavam-se de motivos bélicos na construção de sua lógica:

International fears about the softening effects of modern life, imperial fears about the future of the British Empire and the rise of Germany, and more localized fears produced a more masculinized ideal of manliness. Qualities such as physical hardihood, “character”, aggression and, increasingly from the start of the twentieth century, military capability, came to predominate over earlier, more feminine attributes (CROTTY, 2009, p. 81).

Como explicita Crotty (2009), o contexto belicista colocou em evidência as “capacidades militares” do corpo pensadas como formadoras não apenas dos soldados já ativos ou dos futuros contingentes, mas dos cidadãos de forma geral. Esses elementos colhidos na História, Filosofia e Pedagogia sustentam o fato de Baubérot (2004) observar na virada ao século XX esforços para viabilizar uma sociedade em que a saúde, a beleza e a força humanas, até então apanágios dos valentes guerreiros do passado, pudessem se manifestar nas “pequenas batalhas” da vida cotidiana. No panorama que tornou essa iniciativa uma ambição, a educação corporal e o escotismo concretizaram sua importância.

4 O ESCOTISMO, AS PRÁTICAS CORPORAIS E O MILITARISMO A PARTIR DOS ESCRITOS DE BADEN-POWELL

Aos 19 anos, Robert Baden-Powell (1857-1941) entrou para carreira militar, abandonando-a aos 51 anos para se dedicar à condução do movimento escoteiro, por ele fundado. Ao estudarmos suas ideias, observamos que no longo caminho por ele percorrido há ambiguidades que correspondem às demandas contraditórias de diferentes vetores que foram importantes para a consolidação de sua proposta. Apesar de negar a existência de proximidades entre militarismo e escotismo, Baden-Powell acreditava que de nada valeriam atributos corporais se eles não tivessem uma finalidade explicitamente militar: “We ought really not to think too much of any boy, even tough a cricketer and footballer, unless he can also shoot, and can drill and scout” (BADEN-POWELL, 1908, p. 321).

Ele se justificava afirmando que o apelo para se estar “sempre alerta” para a guerra não se dava por uma “sede de sangue”, mas sim para ajudar a evitar que os horrores dos conflitos fossem “brought on to our own homes, our women and children” (BADEN-POWELL, 1908, p. 342). No momento em que se discutia o alistamento militar obrigatório na Inglaterra, Baden-Powell (1929) manifestou-se explicitando suas contrariedades em relação ao militarismo que sustentava a proposta. A principal delas era a de que os métodos militares não estariam de acordo com a necessidade de modernizar a educação: “offer the old style of imposed instruction seems neither complimentary nor complementary to the modern educationists’ methods, nor in keeping with the needs of the times” (BADEN-POWELL, 1929, p. 18).

Na continuação de seu raciocínio, Baden-Powell (1929) explica que as bases das modernas teorias pedagógicas e as do escotismo seriam as mesmas, vendo-as como vinculadas ao atendimento das particularidades de cada um de seus membros. E isso apesar de o escotismo utilizar práticas coletivas, tais como “tropas”, desfiles etc. Para ele isso não era um paradoxo, pois a marcha não era utilizada por ser considerada uma atividade disciplinadora, tal como ela era vista no exército. Ele defendia sua utilização, apenas, para realizar a movimentação do agrupamento de maneira mais organizada. Afinal, mais importantes que a sincronia dos movimentos eram outros atributos: “When I see a Troop drills well but fails to follow a trail or cook its own food I recognize that the Scoutmaster is not much good as such” (BADEN-POWELL, 1929, p. 25).

Outro impulso para distanciar o escotismo do militarismo vinha da própria origem militar dos primeiros dirigentes do movimento. Com efeito, *Scouting for Boys* (1908) era criticado pelo seu tom militarista. Baden-Powell, ainda em 1929, defendia-se dessa acusação:

It is true that the Movement has an old General as the head of it, and a goodly number of ex-officers in its ranks.[...] Further, most of them, like myself, have seen something of the horrors of war; they know the suffering and cruelty that war involves, and they do not want to see war occur again (BADEN-POWELL, 1929, p. 26).

Parsons (2004, p. 54) esclarece que essa necessidade existia por dois motivos: contornar o belicismo do momento, alvo de críticas em vários segmentos sociais; e evitar uma vinculação explícita do núcleo originário do escotismo com qualquer orientação religiosa. Ambicionava-se fazer com que a proposição escoteira fosse bem recebida em diferentes contextos simpáticos a iniciativas educacionais que elogiassem a importância de um mundo mais pacífico, sem,

todavia, abrir mão da formação de “homens viris”, para o caso de eventuais necessidades. Ou seja, apesar de existir um ambiente de iminência marcial, havia uma “opinião pública” que, de um lado, estava muito receptiva a mensagens pacifistas; mas que, em alguns pontos, alinhava-se à atmosfera belicosa que imperava na sociedade e que imprimia à vida social uma característica beligerante (PARSONS, 2004). Com cuidados no trato dessa ambiguidade, o escotismo alcançara grande aceitação.

Por isso, mesmo que com o passar dos anos Baden-Powell se dedicasse mais à face diretamente educacional do movimento, em um de seus últimos escritos o tom do “sempre alerta”, não livre de ambiguidades, voltou a se subordinar à premência de conflitos: “[...] Scouts make themselves strong and active and healthy so as to Be Prepared when they are men to be able to do good work towards making their country successful and prosperous” (BADEN-POWELL, 1939, p. 105-106).

5 A PRESENÇA MILITAR NAS PRÁTICAS CORPORAIS DO ESCOTISMO BRASILEIRO

No Brasil, o surgimento do “escotismo escolar” na década de 1920 pôs em diálogo diferentes visões sobre sua ligação com os debates a respeito da modernização do mundo pedagógico, hostil à influência militar que pudesse existir nas escolas. Essa influência era frequentemente assumida como algo ultrapassado pela “pedagogia moderna”.

Lourenço Filho (1897-1970) participou do inquérito sobre a educação realizado por Fernando de Azevedo em 1926. Ao responder a questão que versava sobre educação higiênica, defendeu a necessidade do escotismo. Entretanto, advertiu que era necessário “*o verdadeiro escotismo, não o escotismo ‘de parada’*” (LOURENÇO FILHO, 1957, p. 105). (Sem destaque no original).

A característica militar era algo marcante nos agrupamentos então existentes. Em Guarapuava-PR publicou-se em um jornal um poema elogioso à postura, à marcha e às paradas escoteiras, com explícita tonalidade militar: “Como passa em fileiras correctas/Gentil batalhão de escoteiros!/As cabeças altivas, erectas.../Bem se vê, são distintos, ordeiros!” (VILLAS BÔAS, 1929, p. 4). Nos anos de 1930, em um pequeno anúncio publicado no Folha da Manhã, de São Paulo, os editores, ao notificarem o recebimento de um exemplar de uma revista editada por escoteiros da região, assim se expressaram: “Recebemos o primeiro numero do ‘O Escoteiro’, órgão dos Escoteiros Modelo, que traz numerosa collaboração de grande interesse para a *valorosa classe dos jovens soldados*”² (Grifo nosso).

Reflexões sobre a proximidade e a distância do escotismo em relação ao exército e ao militarismo também podem ser feitas a partir de artigos publicados na Revista de Educação Física do Exército que analisam a educação, a Educação Física e o escotismo.

Enéas Martins Filho, de forma talvez surpreendente, apresentava ideias contrárias à militarização do movimento escoteiro na mencionada revista. Antes de defender a separação entre escotismo e militarização, Martins Filho (1935) divulgava a importância do movimento, relacionando-o às suas origens militares. Afirmou que a grande invenção que poderia ser atribuída a Baden-Powell teria sido o aproveitamento de sua experiência militar ao “transformar esses mesmos métodos”, com o fito de formar e educar jovens “dignos da grandeza e das tradições de sua raça” (MARTINS FILHO, 1935, p.38).

² Folha da Manhã, 28 abr. 1934.

Em que pese essa ênfase na experiência militar de Baden-Powell em seu aspecto educativo, Martins Filho observa que a presença do militarismo enfraquecia o escotismo brasileiro. Ele nota que essa influência militar no escotismo não se dava nem na Alemanha e nem na Itália, ou seja, no epicentro do clima belicista do entre guerras (MARTINS FILHO, 1935, p.38).

Gabriel Skinner, na mesma revista, constatava que a alegria que se via em uma “tropa escoteira” não deixava claro a quem não conhecesse o escotismo o que, de fato, ele seria, muito menos os bens por ele proporcionados à juventude. O principal desconhecimento a seu respeito manifestar-se-ia nas dificuldades em circunscrever o que era o movimento: “Não se infere daí, porém, que o escotismo seja pura e simplesmente ‘esportismo’ ou, como pensam outros, ‘simplesmente *arremedo de militarismo*” (SKINNER, 1935, p. 29) (Sem destaques no original).

Skinner (1935) demonstra ciência dos debates educacionais mais amplos e dos impasses e limites não somente das estruturas, mas, também, do pensamento pedagógico. Ele não deixava de atribuir à educação de então um caráter livresco herdado de uma longa tradição que deveria ser refutada. Ela estaria sendo combatida por muitos educadores, mas com pouco êxito até aquele momento. Por essa razão, diz Skinner (1935), Baden-Powell concebeu as práticas escoteiras, avaliadas como contrárias ao “sistema de ensino e da educação livresca, tão do gosto dos austeros educandários ainda em nossos dias” (SKINNER, 1935, p. 39).

Além de ver Baden-Powell como o concretizador de avanços educacionais com práticas pedagógicas menos livrescas, Skinner (1935, p. 39) é contundente na defesa da pedagogia escoteira, escrevendo com letras maiúsculas, como se quisesse alardear em voz alta uma inquestionável verdade, mas que dificilmente era considerada por seus contemporâneos: “O ESCOTISMO, PODE-SE DIZER, É A CONSUBSTANCIAÇÃO DA CIÊNCIA PEDAGÓGICA MODERNA”. Desse modo, enfaticamente, era adjetivado o escotismo, por permitir às crianças “utilizar todos os seus instintos” (SKINNER, 1935, p. 40). O reconhecimento dos “instintos” dava-se pelo fato de o movimento contemplar não somente as dimensões moral e intelectual, mas pela grande atenção à dimensão corpórea. É nisso que consistiria a “novidade” trazida por Baden-Powell: “Temos, por isso, ‘um meio educativo inteiramente novo’, de vez que, aqui se afirmam de maneira a mais positiva todas as qualidades que devem ornar o indivíduo integralmente educado pelo desenvolvimento sistematizado” (SKINNER, 1935, p. 40). Oliveira (2012) nos ajuda a pensar esse posicionamento de Skinner (1935) ao afirmar ser a “retórica do crescimento e do desenvolvimento ‘natural’ infantil, tão cara à nascente psicologia experimental, uma das ênfases de maior duração no imaginário pedagógico” (SKINNER, 1935, p. 93) que abarcava não apenas ideias educacionais que surgiam e criticavam a escola existente, mas, igualmente, iniciativas como as do escotismo.

Em 1933, Desjardins, importante liderança do escotismo francês, teve um texto publicado defendendo sua prática como “um método de educação geral, que abrange também o desenvolvimento corporal” (DESJARDINS, 1933, p. 25). Além de relacionar o escotismo com a Educação Física, Desjardins (1933) justificou que sua importância sustentava-se na influência exercida sobre a educação moral. Ele afirmou o “fato de ser o caráter da criança grandemente influenciado pelo funcionamento do corpo [...]” (DESJARDINS, 1933, p. 25). Nessa ótica, a psicologia infantil seria respeitada: “A criança só executa de uma maneira proveitosa aquilo que lhe agrada, aquilo que sua personalidade aceitou conscientemente” (DESJARDINS, 1933, p. 25). Essas considerações de Desjardins (1933) sobre o escotismo são reforçadas também pela consciência de que a sua presença faria frente a um predomínio da uma educação moral

que “anulava freqüentemente a lição das realizações práticas” (DESJARDINS, 1933, p.25). Delineia-se um relacionamento estreito entre escotismo, educação corporal e educação.

Mesmo assumindo o escotismo como uma possibilidade de desenvolver “todas as fôrças vivas da criança”, Skinner (1935, p. 40) lamentava-se ao constatar que, embora o escotismo conjugasse “esforços dos pais e professores”, ele não estivesse se expandindo de forma mais intensa: “Oxalá que, no Brasil, fosse conhecido e praticado pelo magistério primário, secundário, normal e superior, como vem acontecendo nos grandes centros civilizados do mundo” (SKINNER, 1935, p. 40). Esse lamento de Skinner (1935) adverte-nos que a pujança com que se defendia a proximidade do escotismo com as modernidades pedagógicas não encontrava um eco tão forte na realidade. Helena Antipoff (1935), por exemplo, mostrava que, contrariamente a essa aproximação desejada por Skinner (1935), o escotismo que ela via existir nas escolas caracterizava-se por “desvirtuamentos” manifestos em traços militarizantes. Essa realidade era avaliada como contrária aos avanços da ciência pedagógica e da fisiologia, com sérios impactos no modo como as práticas corporais eram assumidas:

[...] o escotismo ficou simplesmente reduzido a exercícios físicos e marchas extenuantes de centenas de crianças, sob o comando de alguns jovens inexperientes e alheios às preocupações pedagógicas. Nestas condições, o fracasso é fatal. Não nos esqueçamos de que a escola de Baden-Powell representa uma obra de educação integral do adolescente... (ANTIPOFF, 1935, p. 1). (Grifo nosso).

O estabelecimento de limites entre o que se praticava nas escolas e nos grupos escoteiros, em relação às práticas que aconteciam nas casernas ou que as representavam, era, então, o desafio. O debate questionava as condições para a realização da educação corporal para formação das crianças e dos adolescentes. Era avaliado um conjunto de posicionamentos que visavam efetivar a importância pedagógica do escotismo por meio da educação do corpo. Esse valor era visto como possível de fazer frente a toda uma realidade educacional “livresca”, desde que o escotismo e seus métodos ponderassem a tonalidade militar que, apesar dos numerosos posicionamentos enfatizando o sentido contrário, manifestava-se nas práticas corporais que propunha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como inspiração o campo de batalha, a preocupação em fortalecer o corpo para consolidar valores morais e propagar visões de mundo não foi uma descoberta do final do século XIX. Igualmente, também não apenas nesse contexto suspeitas foram lançadas em relação à guerra e aos soldados. Com rupturas, essas defesas ora favoráveis, ora contrárias às práticas marciais, são herdeiras de uma longa história pedagógica. Em que pesem as simpatias e as antipatias que se sucederem no decorrer da história, o guerreiro valoroso ou o soldado valente tem importância como um ideal formativo a ser atingido pela educação em diferentes épocas. A partir desse modelo, a educação corporal pode ser pensada, pois a guerra é “still primarily a combat of bodies” (BRAUDY, 2005, p. 15), mesmo com a crescente incorporação tecnológica às disputas.

Com o desenvolvimento industrial e com os problemas sociais colocados a partir do final do século XIX, é esse legado que foi processado com as novas perspectivas educacionais que surgiam. Nessa visão, o entendimento de que a técnica aliviava os esforços corporais necessários à existência teria trazido, como resultado, um enfraquecimento moral que deveria

ser urgentemente problematizado. Onde e como fomentar a força moral por meio da rudeza e presteza corpóreas, em uma sociedade marcada por um amolecimento corporal, por um “excesso de civilização” e por uma desmesurada “sede de sangue” que desembocava no visível “cultivo do ódio”?

Ao demonstrar a relevância dessa problemática no início do século XX, as reflexões conduzidas neste texto mostraram que a opção entre relacionar ou afastar do militarismo as práticas corporais que o escotismo propunha não é analiticamente viável. Depois de um olhar mais detido sobre aquele momento, concluímos que é preciso observar os movimentos entre um e outro polo, evidenciados como característicos das hesitações existentes nas primeiras décadas do século XX. Contrariamente ao que afirmam Thomé (2010) e Nascimento (2008), a proximidade entre escotismo, exército e educação corporal demonstra que a instituição militar, com suas práticas formativas, imprimiu importantes traços ao escotismo. Ao mesmo tempo, explicitou-se que o escotismo não apenas reproduziu o exército, como afirmam Souza (2000) e Nascimento (2004).

Nascimento (2008, p. 111), ao destacar que Baden-Powell não “inventou nada de novo”, desconsidera a capacidade do ex-general inglês em lidar com um grande complexo de valores pedagógicos, construindo a partir dessa lida a relevância do escotismo nas primeiras décadas do século XX. Essa desconsideração também pode ser notada em Souza (2000), que denomina o escotismo, *tout court*, como “militarização da infância”. Nesse caso, não é levada em conta a proximidade à pedagogia moderna por parte de Baden-Powell e muitos de seus seguidores, que criticavam a maneira como as práticas corporais eram utilizadas tanto nas escolas quanto nas organizações militares. Tudo isso, notando a importância da educação corporal e do lugar que nela deveria ter o “instinto combativo” (BOVET, 2007) e o “equivalente moral da guerra” (JAMES, [1906]).

As formas como o escotismo foi absorvido e praticado no Brasil também apresentaram a tentativa de pensar as atividades corporais escoteiras na tênue demarcação entre o pedagógico e o militar. Índícios de que essas atividades eram vistas por muitos como militarizantes são frequentes. As críticas a essa situação também se faziam ouvir. Nesse caso, é importante que a intenção dos promotores do escotismo no Brasil tenha alcançado alguma ubiquidade em artigos que circularam em um periódico militar que tratava da Educação Física. A circulação dessas ideias contrárias ao militarismo do escotismo se deu, conjuntamente, à concepção de que o movimento escoteiro era uma possibilidade de fomento a valores elogiados não somente por pais, professores e dirigentes educacionais, mas, também, por sargentos, capitães e generais. Para todos eles, era a partir das práticas corporais que esse fomento realizar-se-ia. Em suma, afirmamos a relevância do movimento escoteiro para estudarmos o modo com que posturas filosóficas e políticas impactam e são impactadas por entendimentos relativos ao papel do corpo na concretização de intenções formativas que circulam na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTIPOFF, Helena. A escola e o escotismo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 2-3, 1935.

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? *In: COURTINE, J. J. (Org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI.* Petrópolis: Vozes, 2013.
- AZEVEDO, Fernando. **A poesia do corpo.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.
- BADEN-POWELL, Robert. **Scouting for boys.** London: H.Cox, 1908.
- BADEN-POWELL, Robert. **Scouting and youth movements.** London: Ernest Benn, 1929.
- BAUBÉROT, Arnaud. **Histoire du naturisme: le mythe du retour à la nature.** Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2004.
- BOURZAC, Albert. **Les bataillons scolaires 1880-1891: l'éducation militaire à l'école de la République.** Paris: L'Harmattan, 2004.
- BOVET, Pierre. **O Gênio de Baden-Powell: o que é preciso compreender do escotismo.** Rio de Janeiro: União dos Escoteiros do Brasil, 1939.
- BOVET, Pierre. **El instinto luchador.** Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.
- BRAUDY, Leo. **From Chivalry to terrorism: war and the changing nature of masculinity.** New York: Vintage, 2005.
- CROTTY, Martin. Scouts Down Under: scouting, militarism and "manliness" in Australia, 1908-1920. *In: BLOCK, Nelson; PROCTOR, Tammy. M. (Org.). Scouting frontiers: youth and the scout movement's first century.* Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2009. p. 74-88.
- DESJARDINS, Jacques Guérin. Como os escoteiros encaram o problema educacional. **Revista de Educação Física,** Rio de Janeiro, n. 13, p. 25-26, 1933.
- GABRIEL, Yara Cristina. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922).** 2003. 103p. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo 2003.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. v. 3.
- HEROLD JUNIOR, Carlos. A educação corporal no Paraná através do movimento escoteiro em Guarapuava (1927-1936). **Educação em Revista,** Belo Horizonte, v. 27, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 nov. 2015.
- IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem: recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. *In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. (Org.). História dos homens no Brasil.* São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 266-297.
- JAMES, William. **The moral equivalent of war.** [s.l.]: Charles River Editors, [1906].
- JEAL, Tim. **Baden-Powell: founder of the boy scouts.** New Heaven: Yale University Press, 2001.
- LOURENÇO FILHO, Manuel. Bergström. A resposta de Lourenço Filho. *In: AZEVEDO, Fernando de. A educação na encruzilhada.* 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957. p. 97-109.

MACLEOD, David. **Building Character in the American boy: the boy scouts, YMCA, and their forerunners, 1870-1920.** London: The University of Wisconsin, 1983.

MARTINS FILHO, Enéas. O escotismo como fator educativo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 22, p. 38-40, maio 1935.

MELO, Vitor Andrade. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. (Org.). **História dos homens no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2013. p.119-152.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, p. 43-74, 2004.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Em busca da natureza negada: a renovação pedagógica e o mito de uma educação “natural”. *In*: OLIVEIRA, M. A. Taborda de (Org.). **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história.** Curitiba: Editora da UFPR, 2012. p. 87-108.

PARSONS, Timothy H. **Race, resistance, and the Boy Scout movement in British colonial Africa.** Athens: Ohio University, 2004.

SANT'ANNA, Denize Bertuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia. (Org.). **História dos homens no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 245-266.

SCHARAGRODSKY, Pablo. La constitución de la educación física escolar em la Argentina: tensiones, conflictos y disputas com la matriz militar em las primeiras décadas del siglo XX. *In*: SCHARAGROSKY, Pablo. (Org.). **La invención del “homo gymnasticus”:** fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos em movimiento em Occidente. Buenos Aires: Prometeo Livros, 2011. p. 441-476.

SKINNER, Gabriel. Características primaciais do Escotismo. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 23, 1935, p.39-30.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 20, n. 52, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3262200000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 nov. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria:** história da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SUMMERS, Anne. Scouts, Guides and VADs: a note in reply to Allen Warren, **The English Historical Review**, Oxford, v. 102, n. 405, p. 943-947, 1987.

SPRINGHALL, John O. The boy scouts, class and militarism in relation to British youth movements 1908-1930. **International Review of Social History**, Cambridge, v. 16, n. 2, p.125-158, 1971.

SPRINGHALL, John O. Baden-Powell and the scout movement before 1920: citizen training of soldiers for the future? **The English Historical Review**, Oxford, v. 102, n. 405, p. 934-942, 1987.

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extra-escolar. **Revista HISTEDBR-Online**, Campinas, n. 23, p. 171-194, 2006. Disponível em <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/23/art12_23.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2015.

VILAS BÔAS, Zélia. Os escoteiros. **Alerta!** Guarapuava, n. 9, p. 4, 16 jun. 1929.

WARREN, Allen. Baden-Powell: a final comment. **The English Historical Review**, Oxford, v. 102, n. 405, p.948-950, 1987.

WITOSLAWSKI, Henrique. **Discursos sobre modernização e militarização juvenil em Curitiba (1918-1928)**. 2009. 162 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ZUQUIM, Judith; CYTRYNOWICZ, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, 2002.